

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

ANO 1 - NÚMERO 1 - JULHO A DEZEMBRO DE 2004

[início](#)

DISCURSO REPORTADO SOBRE DISCURSO REPORTADO: A PAIXÃO DE CRISTO¹

Luiz Fernando Matos Rocha
UNINCOR

ABSTRACT: This text is a brief exercise of free reflection on the implications of reported speech in the biblical representation of the words of Jesus and in Mel Gibson's movie rendition of Christ's Passion. It is contended that, on the discourse level, the underfocusing of the narrator's voice pays service to the interest of spelling a supreme "truth" in order to make it unquestionable.

Dizem por aí: religião, política e futebol, não se discute. Claro, a crença, vez por outra, tenta cegar a razão, impondo um ponto final nas interações. Daqui por diante, vamos ousar o inverso, optando pelas reticências. Jesus Cristo é o Saussure do Novo Testamento. Sem se justificarem precoces comparações — os céus de Juiz de Fora, de fato, acabam de trovejar —, o certo é que, assim como Ferdinand de Saussure, Yeshua Ben Yossef (em aramaico: Jesus, Filho de José) não legou manuscritos de próprio punho. Ambos tiveram discípulos para grafar suas vozes. O lingüista suíço faleceu em 1913, tendo sua obra póstuma, *Curso de Lingüística Geral*, editada pela primeira vez três anos mais tarde, a partir de anotações de alunos em três cursos ministrados na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911. Como afirma Isaac Nicolau Salum, em prefácio à própria edição brasileira do texto saussurreano, "Jesus nada escreveu senão na areia: seus ensinamentos são os que nos transmitiram seus discípulos, alguns dos quais não foram testemunhas oculares". Portanto, Cristo e Saussure são vítimas históricas do discurso reportado, construção lingüística que introduz a voz de outro alguém, tal como: "E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas, 23, v. 34). Mesmo se admitindo que Jesus fala através dos escritos dos apóstolos, ainda assim a crença não consegue sufocar as evidências discursivas de um sujeito materializando a palavra divina por meio do discurso reportado.

Então, há que se considerar um fator decisivo e estrategicamente subfocalizado pelas religiões que propagam a palavra do messias através dos tempos. Pelo menos, quanto às ciências da linguagem, se for lícito equiparar religião e ciência, o hábito da construção/desconstrução é regra para o avanço, prática não observada nas religiões. As anotações das conferências de Saussure, as quais têm a escrita como respaldo documental do pensamento do lingüista, já não podem ser consideradas um reflexo perfeito de suas exposições orais, dedicadas a uma audiência de não-lingüistas. Além disso, os organizadores do *Curso de Lingüística Geral*, Charles Bally e Albert Sechehaye, não estavam presentes nas conferências de Saussure. Afirma-se que até a frase final do livro, “a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua encarada em si mesma e por si mesma”, não pertence a Saussure. Por suas vezes, os ilustres seguidores de Cristo só começaram a escrever sobre a vida do profeta entre 60 a 90 d.C.. Não estou desmerecendo a capacidade de compilação e de memória de nenhum dos discípulos, tanto de Jesus quanto de Saussure. Argumento que a interferência do narrador na narrativa é historicamente subfocalizada, e a influência do sujeito que reporta a voz de outrem é mantida, por demais, em segundo plano. No caso da versão dos apóstolos sobre o pensamento cristão, essa tática discursiva torna o texto bíblico a única fonte da “verdade”. No caso da versão dos discípulos do pensamento saussureano, sinaliza um apreço pela objetividade clássica, que aponta diretamente para o mundo, como se fôssemos capaz de resgatar a exatidão das palavras sem modificá-las. Auerbach (2002) já sugerira, ao comparar um trecho de *Ilíada*, de Homero, a um trecho do Velho Testamento, que o texto bíblico é muito propenso à incompletude; portanto, passível a múltiplas interpretações. A subfocalização do narrador atende ao interesse de se impor uma verdade suprema e inquestionável, embora repleta de lacunas.

Não pretendo avançar em incursões filosóficas sobre o relativismo em torno do conceito de verdade, questão por demais perturbadora para Pôncio Pilatos, na versão cinematográfica do diretor Mel Gibson sobre *A Paixão de Cristo* (EUA, 2004). Antes, é preciso chamar atenção para o discurso reportado, focando agora a análise no Novo Testamento e na adaptação para o cinema. O filme de Gibson é, aliás, discurso reportado de discurso reportado, ou ainda: representação da representação da representação. A voz de Jesus passa pela voz dos apóstolos, esta revisitada pela voz de Gibson. Mateus, Marcos, Lucas e João são os autores dos escritos que relatam as circunstâncias que envolvem nascimento, pregação pública e momentos finais de Jesus. Por se tratar de relato, não se pode falar em verdade. Acontecimento e relato de acontecimento não são apenas lingüisticamente distintos como têm o abismo da cognição intermediando ambos os eventos. A cognição humana interfere

decisivamente nessa relação, muito importantemente quando alguém garante que outrem proferiu determinada enunciação.

Quando Mateus (22, v. 21) afirma: “Então, ele (Jesus) lhes disse: Daí, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus”, o discurso é reportado. Embora esteja no molde pretensamente mais próximo da fala original, o discurso é direto, não é discurso original. No máximo, pode-se exigir verossimilhança do narrador, mas daí a assegurar que Jesus realmente proferiu tal sentença, é necessário que depositemos crença suficiente em Mateus para tomarmos a fala como fato. Atingindo-se o nível da crença, apelos racionais se dissipariam como o diabo foge da cruz. No entanto, crença e razão conjuntamente sobrevivem no patamar discursivo. Em Lucas (23, vs. 36 e 37), verificamos: “E também os soldados escarneciam dele, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre,/ e dizendo: Se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.” “Dizendo” sinaliza a abertura de um espaço mental para o encaixe do discurso de outrem, similar a abertura de um espaço de crença, demonstrado a seguir: “Ele pensa que a tartaruga é lenta e que ele vai capturá-la”. O domínio de crença e o domínio de encaixe da voz de outrem são domínios mentais, não-reais. Dessa forma, pode-se reivindicar o texto bíblico como objeto de estudo crítico, sem se atingir um nível de crença em que não se admitem implicações racionais.

Tais digressões teóricas fundamentam a possibilidade de se criticar uma adaptação cinematográfica que tem intenções declaradas de retratar o que se acredita ser a verdade contida nos capítulos bíblicos, tomando-se e tomando-lhes como realidade inequívoca. O filme *A Paixão de Cristo* se lança, pelo menos aparentemente, como a pretensa versão definitiva do controverso martírio do Filho de Deus. Em escala global e com o auxílio das lentes que superdimensionam o flagelo e os ferimentos da personagem central, o diretor endossa agressivamente a culpa da humanidade — não apenas restrita aos judeus — em massacrar um herói mal-compreendido. Dotado de habilidades cognitivas para a projeção mental, o espectador envolvido emocionalmente com a película se projeta na tela de acordo com sua história de relações com a cultura religiosa. No filme, Jesus Cristo é açoitado, cuspidado, espancado, agredido e humilhado, mas é o espectador, ou melhor, eu, que me sinto açoitado, cuspidado, espancado, agredido e humilhado. Em geral, cenas de violência são previsíveis em películas modernas. Considerado um gênio vivo da cinematografia, Pedro Almodóvar, por exemplo, em seu filme *Fale com ela* (Espanha, 2002), apresenta cenas de massacre de um touro numa arena. Ecologicamente incorreta, mas sob moldura de arte. Por sua vez, o filme de Gibson não tenciona apenas expor reiterada e explicitamente minúcias da violência contra um personagem de resistência sobrenatural, mas consegue

agredir de modo contumaz a platéia. Violentando Cristo, Gibson violenta o espectador, numa tentativa de exorcismo cruel de “nossos erros”.

A revista *Set Especial: História & Cinema* (março de 2004), publicação especializada em cinema, afirma o seguinte na página 23:

A provação de Mel Gibson começou há muito mais tempo que podemos imaginar. Já firmado como astro, ele começou a questionar sua posição no mundo há pouco mais de dez anos — como equilibrar a carreira, a família e os problemas com alcoolismo. Resolveu se dedicar à Igreja Católica conservadora freqüentada pelo pai e depois de ganhar o Oscar por *Coração Valente* decidiu que precisaria contar sua visão das doze últimas horas da vida de Jesus Cristo como lhe foi ensinado: negando as mudanças no Concílio Vaticano 2º, de 1965, uma revisão dos Evangelhos, que, entre outras coisas, revia a culpa dos judeus no destino final do Messias e liberava as igrejas do uso do latim nas missas — língua usada até hoje pela congregação do ator de *Máquina Mortífera* e *Mad Max*.

Como estamos negociando sentidos a partir de discursos e não a partir de valores-verdade, afirmo que este texto acima apresenta um perfil do diretor muito concernente com o grau de violência levada à exaustão no filme. Conheço alguns casos de homens e mulheres envolvidos com drogas, sejam elas álcool e outras substâncias alteradoras de consciência, que abdicam do vício por força de sua inserção em alguma comunidade religiosa. Como a pressão psicológica e fisiológica causada pela abstinência é grande, essas pessoas atravessam um período de radicalismo religioso, esforçando-se para cumprir com afínco os preceitos que começaram a seguir. O fiel tende a se tornar fundamentalista a ponto de, sempre que tem oportunidade, querer convencer a todos de que encontrou a “verdade” e de que precisamos aceitar às pressas a “palavra de Deus”. Do contrário, o caminho dos infernos nos aguarda. É a disseminada máxima “Encontrei Jesus” — sem ironia. Assim, ex-presidiários, ex-traficantes e ex-viciados tornam-se homens de religião na esperança de se modificar. Para eles, não há escapatória senão a vida dedicada aos seus templos religiosos². Suponhamos que o Gibson delineado pelo trecho da revista *Set* se encontre no grupo de pessoas tocadas e redimidas pela religião. Faz sentido, então, ele demonstrar sua imersão em um fundamentalismo cristão tamanho que busca convencer os outros de que não há outro caminho senão o de compreender Cristo pela violência que lhe foi imposta. Por isso, o filme suscita uma pergunta crucial: por que o desejo de reiterar a violência do flagelo de Cristo e de renovar sadicamente culpas históricas? Está em Isaías (53, 10-11):

O Senhor queria triturá-lo com o sofrimento: se entregar sua vida em expiação, verá sua descendência, prolongará seus anos e, por meio dele, triunfará o plano do Senhor. Pelos trabalhos suportados verá a luz, se saciará de saber; meu servo inocente reabilitará a todos, porque carregou seus crimes.

Porque Mel Gibson quis assim. Marketing? Talvez assim seja, mas uma hipótese bem verossímil é a do auto-flagelo, prática comum, por exemplo, nos festejos do Círio de Nazaré em outubro, na cidade de Belém do Pará. Se quis se auto-flagelar, Gibson acaba nos flagelando. Parece que seu radicalismo o impede de mostrar, no filme, que muitos cristãos já estão redimidos desse episódio. Muitos já estão livres das culpas religiosas e continuam louvando a Deus ao demonstrar, cotidianamente, disposição para a vida e, às vezes, sem emitir uma oração formal sequer. O sacrifício de Jesus já foi cumprido há dois mil anos. É preciso lembrá-lo com a sabedoria de quem aprendeu a lição e necessita praticá-la, sem imputar reiteradamente uma culpa paralisadora. Nesse sentido, o que profetizou Isaías pode, de alguma forma, estar acontecendo.

O biólogo do conhecimento, Humberto Maturana (2001: 75), diz assim: “O que vocês escutam do que digo tem a ver com vocês e não comigo. Eu sou maravilhosamente irresponsável sobre o que vocês escutam, mas sou totalmente responsável sobre o que digo”. Projetando Gibson no lugar de Maturana e eu no lugar de vocês, leitores, digo que sou responsável pelo que vi e ouvi do filme e pelas opiniões que ora apresento. Isso me coloca na posição de um produtor de sentido. O que digo não é verdade, é opinião. Mesmo se Jesus tivesse escrito suas palavras, cada um de nós seríamos responsáveis pelo que houvéssemos lido em sua obra.

NOTAS

1 Este texto serviu de mote para o debate “O discurso reportado na representação bíblica e cinematográfica da Paixão de Cristo”, promovido pelo Programa de Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso –, da UNINCOR (Três Corações, MG), em 16 de abril de 2004.

2 Vejam bem: “para eles”. Esta expressão sinaliza que um discurso de outrem será encaixado em seguida. Estou dizendo que, “para eles”, não há escapatória. Não estou subfocalizando o fato de eu ser o narrador. No entanto, o meu entendimento dessa situação me autoriza a emitir opiniões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: 2004.

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. In: SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SET ESPECIAL: HISTÓRIA & CINEMA. São Paulo, Peixes, ed. 12, março de 2004.

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL: antigo e novo testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

FALE com ela. Direção: Pedro Almodóvar. Espanha: 2002.

FAUCONNIER, G. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Org. e trad. de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.